

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEDU
LINHA DE PESQUISA: FILOSOFIAS DA DIFERENÇA E EDUCAÇÃO

A potência da evanescência: diferenças e impossibilidades

Mestranda: Virgínia Crivellaro Sanchotene

Orientador: Prof. Dr. Samuel E. Lopez Bello

Porto Alegre
Janeiro de 2013

Virgínia Crivellaro Sanchotene

A potência da evanescência: diferenças e impossibilidades

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Samuel E. Lopez Bello

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Carla Rodrigues

Prof. Dr. Nilton Pereira

Prof. Dra. Paola Zordan

Porto Alegre

Janeiro de 2013

CIP - Catalogação na Publicação

Sanchotene, Virgínia Crivellaro
A potência da evanescência: diferenças e
impossibilidades / Virgínia Crivellaro Sanchotene. --
2013.

101 f.

Orientador: Samuel Lopez Bello.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2013.

1. Educação. 2. Filosofias da Diferença. 3.
Matemática. I. Bello, Samuel Lopez, orient. II.
Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Agradecimentos

Esta dissertação foi construída na turbulência de encontros diversos. Agradeço a todos que contribuíram para seu desenvolvimento: a quem discutiu, acompanhou, criticou, sugeriu, ensinou, festejou, perguntou, leu, ouviu, questionou e, dessa maneira, movimentou o pensamento. A quem acolheu as dificuldades do percurso incerto de um viver-junto.

Ao Thor e ao Netuno.

À minha mãe, Ângela; ao meu pai, Rogério; à minha irmã, Vitória.

À UFRGS, especialmente ao Programa de Pós Graduação em Educação; ao Cnpq.

Ao meu orientador, professor Dr. Samuel Lopez Bello.

À professora Dra. Paola Zordan.

Ao professor Dr. Nilton Pereira.

À professora Dra. Sandra Mara Corazza.

À professora Dra. Carla Rodrigues.

Aos colegas de Linha de Pesquisa, especialmente aos colegas de Prática de Pesquisa.

Aos meus amigos e familiares. À Carol Coutinho, pelas traduções.

SUMÁRIO

Lista de Figuras	8
Sobre a Pesquisa	10
Preâmbulo	11
O quê?	16
Para quê?	17
Por quê?	17
Com quem?	18
Como?	19
Percursos de escritos	20
O Asterisco	23
Sobre o pensamento	25
Da criação de um problema	27
Estudo de uma forma	30
Outramentos do ser disjunto	35
Impossibilidade de permanência	38
Ecos entre matemáticas e Filosofias	48
Teorema da Incompletude de Godel	49
Matematizar	52
Inflexão	54
Composição do Corpo Serial	56
Limite	63
Derivação/Diferenciação	65
Integração/Diferençação	66
Infinito	67
Duplicação	69
Experimentações	71
Compossibilidade	75
Corpo Serial q	77
Zona Proximal	83
De uma pesquisa em meio à vida	88
(in)Conclusões	89
E a educação?	95
Referências	98

Resumo

Esta dissertação versa sobre a parcela evanescente que constrói uma série convergente e, desse modo, impossibilita sua permanência em uma forma última. O estudo da evanescência como a possibilidade de movimentar um corpo afirma a potência do infinito de uma vida finita e a impossibilidade da permanência a partir do movimento incessante do infinitamente pequeno. Afirmar a irredutibilidade do movimento a um ponto de chegada e a possibilidade da criação de um outro si ou de um si sempre provisório é considerado, neste estudo, um modo de inventar a vida. Com Foucault e Deleuze, apresenta-se um corpo como uma estrutura atravessada por linhas que operam e compõem instantaneidades, como forma em constante mutação. Trata-se de produzir ecos entre os domínios da filosofia e da matemática, na afirmação da diferença como aquilo que constitui um corpo. A impossibilidade da permanência é tomada como transgressão de limites impostos, ao considerar uma formação como a produção de infinitas formas.

Palavras-Chave: Acontecimento, Subjetivação, Diferença, Infinitesimal, Forma.

Abstract

This dissertation is about the evanescent parcel that builds a convergent series and, this way, precludes its permanence in an ultimate form. The study of evanescence as a possibility of moving an object affirms the potency of the infinite of a finite life and the impossibility of permanence from an incessant movement of the infinitely small. Affirming the irreducibility of movement to an arrival point and the possibility to create another form or a form always temporary is considered, in this study, a way to invent life. Departing from Foucault and Deleuze, an object is presented as a structure crossed by lines that operate and compose instantaneities, as a shape in constant mutation. It is about producing echoes between philosophy and mathematics, considering difference as what constitutes an object. The impossibility of the permanence is taken as a transgression of imposed limits, when it considers a formation as a production of infiniteness forms.

Key words: Happening, Subjectivation, Difference, Evanescent, Form.

Lista de Figuras

Figura 1: Triângulo Retângulo de Hipotenusa $\sqrt{2}$	51
Figura 2: Diagonal de um Pentágono Regular	52
Figura 3: Assíntota como Limite	64
Figura 4: Área sob a curva	66
Figura 5: Método dos Infinitesimais	66
Figura 6: Segmento $\overline{ab} = 1$	67
Figura 7: Curva em evanescência	73
Figura 8: Construção do ponto 0,3333...	79
Figura 9: Segmento \overline{ab} indeterminado	86
Figura 10: Waterfall, Escher, 1961	92

Se desmorono ou se edifico,
Se permaneço ou me desfaço
Não sei, não sei, não sei – se fico
Ou passo.

Cecília Meireles, Flor de Poema: Motivo.

**SOBRE A PESQUISA: Preâmbulo. O quê?
Para quê? Por quê? Com quem? Como?**

Preâmbulo

A escrita se constituiu como percurso, que se iniciou no estudo da forma, sua montagem e desmontagem. Nesta dissertação, a constituição da forma em seu duplo de diferenciação e diferença foi fundamentada, especialmente, no livro *Diferença e Repetição*, de Deleuze¹. A partir do estudo destes conceitos principais, foi possível questionar as noções estáticas impostas ao infinitamente pequeno e considerar a forma como um contorno, um resultado sempre provisório de movimentos diversos. Tratou-se de um exercício experimental, uma prática operatória, como modo de relacionar determinadas regras singularizantes ao afastar-se de verdades mais duras e generalizantes que dizem sobre a evanescência.

Ao problematizar o limite que fixa e impõe parar, a questão passou a ser a ocupação de uma estrutura – que não equivale a uma imobilidade, bem como a incidência em seus códigos e a resistência às suas significações estáticas. O corpo, local onde ocorre o movimento, é tomado como uma composição. A leitura e a escrita são consideradas em seu caráter instrumental na resistência às subjetividades estratificadas.

¹ DELEUZE, 2006.

As séries convergentes foram utilizadas por se constituírem de evanescentes, parcelas infinitamente pequenas e cada vez menores que as movimentam. A evanescência, neste estudo, opera como um diferenciador. Na representação, o limite de uma série convergente se oferece como mediação que possibilita uma forma identidade fixa, ao igualar o infinitamente pequeno a zero.

O que se problematiza é o sentido no qual o finito e o infinito se amarram a uma identidade e, portanto, em que medida eles servem à representação. Essa parcela suficientemente pequena a qual chamo de evanescente age como o distinto da forma, a disjunção do Uno, a impossibilidade de findar o jogo da Diferença, o qual a representação tenta inscrever sob a identidade do infinitamente pequeno.

O limite que serve à representação é uma solução disciplinar. Mas cada problema e, portanto, o problema da possibilidade de um limite último, se duplica em cada campo simbólico em que é exprimido, permitindo a criação de novas relações possíveis. É sob esse viés que a filosofia e as matemáticas entram em relações de ressonância mútua, ao percutirem uma na outra nos escritos da dissertação.

Talvez a estes ecos, a esta ressonância

entre as matemáticas e as filosofias, eu tenha denominado “matematizar”. Matematizar foi considerada uma forma de trabalhar sobre, uma possibilidade de fabricação de um si, um si outro, através do permanente contato com forças de afetação que promovem diferenciações. Não se busca atualizar o acontecimento num estado de coisas, na produção de corpos referíveis, como o faz a ciência². Matematizar trata de um acontecimentalizar no domínio em que a ciência e a filosofia percutem mutuamente.

Trata-se de aceitar o indizível como constituinte do pensamento e o percurso como modo de construção do texto. Acontecimentalizar como um agir sobre, um modificar que não se inscreve numa referência mas, antes, escapa como movimento. “O acontecimento é a parte do que escapa à sua própria atualização em tudo o que acontece”³. Ele não começa nem acaba, mas dá consistência ao movimento heterogêneo e incapturável do que se atualiza no estado de coisas.

Pensar um objeto maneirista, fluido, flexível e modulado, não um objeto essencialista e definitivo, permite pensar o acontecimento, ou um acontecimentalizar como uma variabilidade do que se torna, um devir tornar-

² DELEUZE. 2010, p. 150.

³ DELEUZE. 2010, p. 158.

se. O acontecimento é sempre devir, “lá onde nada se passa, uma espera infinita que já passou infinitamente, uma espera e reserva”⁴. Deleuze nos apresenta que, em Leibniz, o próprio mundo é acontecimento, um predicado incorpóreo incluído em cada sujeito que destrona a forma ou a essência⁵. A parcela infinitamente pequena de um corpo serial a modula e atualiza uma porção variável de si a cada instante, destronando a forma inscrita no limite.

O corpo serial construído na dissertação, uma máscara ou modo de apresentação de uma construção das matemáticas, é considerado como uma transitividade, uma forma disjunta em estados sempre provisórios, a efetuação de uma parcela infinitamente variável de si, em processos de auto-afetação.

O corpo serial permite pensar na existência enquanto produzida, uma fabricação de si, sem padrão universalizante. Trata-se da desconstrução da mensurabilidade desse ser e de certos critérios de sua suficiência, ao considerar que a estrutura problemática faz parte dos objetos: o corpo serial é tomado como um ser problemático, sem que isso carregue uma negatividade.

Nesse sentido, esta dissertação questiona

⁴ DELEUZE. 2010, p. 187.

⁵ DELEUZE. 2009, p. 94.

a impossibilidade de representar a evanescência como zero, bem como de assegurar uma posição fixa para um movimento perpétuo. A parcela infinitamente pequena que transfigura este corpo a cada instante é considerada a potência de diferenciação da forma, aquilo que permite que ela se torne um sempre outro, forma plural proveniente de certa regularidade não homogeneizante.

Argumentou-se que: se Deleuze apresenta, no livro *Diferença e Repetição*, que para Leibniz a identidade é concebida como analítica, sob a espécie do infinitamente pequeno, é porque aparece condicionada à similitude e à analogia, na relação biunívoca entre o limite e uma posição última da série.

Mas a convergência, tal como é considerada na dissertação, não pressupõe a inscrição da diferença a uma identidade pela mediação de um limite, não amarra a série a uma essencialidade. A convergência garante uma continuidade que afirma a disjunção da forma a cada instante. Desse modo, ela assegura que exista sempre uma forma, mas não uma forma última, apenas uma sempre outra atualização da forma. Uma outra possibilidade de trabalhar sobre a série, espécie de série que se matematiza.

*

A delimitação inicial de uma pesquisa se dá sempre parcialmente, visto que a dissertação se constitui em um percurso, o que impede prever seu por vir. Responder às perguntas o quê?, para quê?, por quê?, com quem? e como? nada delimitam, apenas disparam. Disparam questionamentos, produzem movimentos, articulam estudos. A partir disso, se diz, inicialmente, acerca da pesquisa:

O quê?

O estudo da evanescência como a possibilidade de movimentar um corpo, em sua composição sempre em relação a um exterior que lhe é próprio. Tal estudo afirma a potência do infinito de uma vida finita e a impossibilidade da permanência a partir de um movimento incessante do infinitamente pequeno.

A dissertação constrói um corpo denominado “serial”, em sua própria afetação através de irreversíveis na sua composição da forma, no somatório de evanescentes – parcelas que se aproximam mas se distinguem de zero. Trata-se das atualizações da forma deste corpo, de seus pontos de parada, no estudo da impossibilidade de sua permanência em uma forma limite última.

Um corpo serial é um modo de conceber o somatório de infinitos termos, denotado matematicamente por $\sum_{n=1}^{\infty} a_n$, onde a_n é o termo geral e cujo índice “n” tende a infinito.

Para quê?

Para, através do estudo das formas de apresentação desse corpo serial, permitir uma abertura ao seu incomensurável. Não há o controle intencional da situação, porque há sempre a interferência do acaso. Ainda assim, pode-se estudar para estar atento ao desconhecido que bate à porta⁶.

Para estudar a subjetivação enquanto acontecimento impessoal, como modo de produzir torções nas relações que se estabeleceram entre o movimento de um somatório de infinitos evanescentes e um limite que visa representar sua permanência numa posição última.

Por quê?

Porque os estudos realizados junto à linha de pesquisa Filosofias da Diferença e Educação provocam questionamentos de caráter vitalista. Ao considerar que não há nada por trás ou além das máscaras, sendo tudo já simulacro, sair da dualidade e da oposição, pondo-se a pensar na variação imanente à vida. “Subverter a filosofia da representação significa afirmar os direitos dos simulacros reconhecendo neles uma potência positiva, dionisíaca”⁷. Subverter a filosofia da representação se apresenta, nesse

Nesta dissertação, se considera que a série é uma criação matemática, mas que o corpo serial, como problema, não pertence a nenhum domínio, percutindo em cada campo no qual é enunciado.

Essas questões serão retomadas posteriormente.

⁶ DELEUZE, O que é um dispositivo?, p. 94.

⁷ MACHADO, 2010, p. 48.

estudo, como resistência à mediação, afirmando o processo como movimento que aniquila a possibilidade de um modelo.

Nesta dissertação, a representação é o que permite identificar o limite como uma posição última da série, fixando-lhe, assim, uma identidade. A parcela evanescente permite sua positivação, ao produzir movimentos.

Porque afirmar a irredutibilidade do movimento a um ponto de chegada e a possibilidade da criação de um outro si ou de um si sempre provisório é considerado, neste estudo, um modo de inventar a vida. A relação consigo, o processo de afetação de si deste corpo serial, é o que permite seu movimento permanente. Esse processo não se julga pelo resultado que o findaria, “mas pela qualidade de seus cursos e pela potência de sua continuação”⁸, ainda imprevisíveis.

Com quem?

Com Foucault, que estranha as verdades estabelecidas e as considera em seu caráter localizado e datado; que pensa a subjetivação como uma afetação de si e torna o caráter ético irrevogável à condução deste percurso. Com Deleuze, que potencializa o pensamento em sua estreita relação com o indeterminado, para além

A noção de corpo serial é tomada como aquilo que potencializa a parcela evanescente e testa a possibilidade da permanência em um limite último.

⁸ DELEUZE, 2007, p. 183.

do duplo aspecto positivo/negativo e bem/mal, e concebe a subjetivação como um acontecimento que pouco tem a ver com um sujeito, mas como um conjunto de intensidades que produz modos de existência.

Com Foucault e Deleuze, na apresentação de um embate entre as forças de um Fora e as formas estratificadas, o que permite conceber o corpo serial como uma estrutura atravessada por linhas que operam e compõem instantaneidades, como forma em constante mutação.

Como?

Através do estudo de um corpo serial em seu processo de diferenciação e diferenciação, bem como de noções imanentes ao estudo desse movimento. É preciso experimentar, pensar, criar, agir neste corpo, de modo a apresentar como ele se movimenta ou se fixa e como se articulam suas muitas formas disjuntas. Na apresentação de uma escrita aforística, assume as fissuras do pensamento não linear e afirma o movimento no fluxo do texto.

Para esse estudo, são consideradas as séries convergentes, aquelas cujos termos são obrigatoriamente evanescentes.

Os termos evanescentes são infinitamente pequenos e cada vez menores. A soma desses valores aproxima-se cada vez mais de um valor limite.

Uma série divergente não possui um valor limite para o qual convergir.

PERCURSOS DE ESCRITOS: O asterisco. Sobre o pensamento. Da criação de um problema.

O intelecto é, na grande maioria das pessoas, uma máquina pesada, escura e rangente, difícil de pôr em movimento [...]. A graciosa besta humana perde o bom humor, ao que parece, toda vez que pensa bem: ela fica “séria”! E “onde há riso e alegria, o pensamento nada vale”: – assim diz o preconceito desta besta séria contra toda “gaia ciência”⁹

⁹ NIETZSCHE. 2001, p. 217

Tudo aqui é uma questão de roubo e experimentação. Trata-se de pensar ecos¹⁰ entre os domínios da filosofia e da matemática. Trata-se de pensar em deslocamentos nesta que se pretende uma dissertação que transita entre tais domínios, na criação de novos arranjos. Trata-se de uma desterritorialização e sua complementaridade na reterritorialização¹¹, numa conjunção de fluxos, numa transposição de limiares. Trata-se de deixar rastros de uma experimentação filosófica, ao utilizar Foucault e Deleuze como principais intercessores, em criações matemáticas.

Nesta dissertação se considera que a solução dos problemas é disciplinar, mas que o problema em si pertence a outra ordem: ele se duplica em cada campo simbólico em que é exprimido e permite a criação de novas relações possíveis. A filosofia e a ciência entram em relações de ressonância mútua, percutindo uma na outra¹². Produz-se movimentos ao “traçar, inventar, criar linhas que dobram saberes, fazeres, sentires, uns sobre os outros”¹³, consoando a filosofia e a matemática.

Não se trata de uma semelhança entre as matemáticas e as filosofias.

Não se trata de dizer que se faz a mesma coisa em dois domínios ou de realizar uma pesquisa interdisciplinar.

Não se trata de desenvolver linearmente uma ideia ou de buscar soluções para um problema.

Não se trata de um tributo a qualquer identidade, de consagrar uma matriz de pensamento, mas antes da afirmação da diferença como aquilo que constitui um corpo.

¹⁰ DELEUZE. 2007, p. 155.

¹¹ DELEUZE e GUATARRI. 1995, p. 69.

¹² DELEUZE. 2007, p. 156.

¹³ CORAZZA, 2011, p. 56.

Utilizar a matemática como solo para fabular o processo de construção e desconstrução de um corpo é considerar uma possibilidade de inverter a relação de forças que constituíram a “racionalidade a todo preço como força perigosa, solapadora da vida”¹⁴, tomando-a como disparadora de novas experiências. A criação de outros modos de ser possíveis consiste, nesta pesquisa, no embaralhamento dos códigos produzidos pelas matemáticas, em seus estados múltiplos e fragmentados. Trata-se da fabricação de uma gaia ciência.

Fabular, aqui, encontra-se com a exposição de Heuser: “A natureza exigiu do espírito outro gênero de atividade e criou no homem uma função compensatória, uma nova faculdade: a função fabuladora”¹⁵, como um contraponto à inteligência que desencoraja e amedronta.

*

Utilizo conceitos produzidos no campo das filosofias da diferença para pensar em fissuras que criações matemáticas apresentam ao serem mobilizadas. E, a partir desta mobilização, não falo mais do campo das matemáticas, mas de algum outro lugar, talvez fugidio, transversal, intermediário, na produção de uma zona de variação no que pode ser tomado como certa irracionalidade desta estrutura. Certa irracionalidade à medida que a

¹⁴ HEUSER. 2010, p. 53

¹⁵ HEUSER. 2010, p. 63.

estrutura é metaestável, e se faz e desfaz e, deste modo, apresenta espaços vazios que permitem experimentar, em sua reserva própria de virtualidade.

No devir imanente a toda estrutura, no movimento possível no contato de toda estrutura com seu Fora irreduzível, se estabelecem as condições necessárias para sacudir as verdades estabelecidas, para agitar o pensamento, para produzir novos modos de se conduzir e se posicionar no mundo.

Para apresentar a potência do infinitamente pequeno, utilizo séries convergentes, produzidas em mundos compossíveis, que pressupõem a produção de infinitas formas. Os corpos seriais testam, nessa conjunção, a possibilidade da permanência imposta por um limite que serve à representação. Ao pensar a variação da forma, o evanescente opera como um diferenciador.

*

O asterisco

A escrita foi um desejo e uma necessidade: fabricações de imagens que extrapolem o espaço que foi projetado pelo cárcere do rigor do pensamento ou pela

prudência do julgamento, que rechaça a beatitude da identidade conferida por uma formação inicial que se pretende científica, na licenciatura em matemática. Vazamentos de possibilidades dentro do estruturante da ciência matemática, através do tensionamento de verdades que dizem sobre a evanescência.

A escritura é tomada como atividade de pertencimento na conjuntura temporal e performática dos estudos da linha de pesquisa Filosofias da Diferença e Educação. A necessidade de experimentações se fortalece à medida que a possibilidade de explicações ou conclusões se dissipa. Não é possível prometer o seu por vir, apenas apresentá-la enquanto percurso.

Os asteriscos permitem uma escrita aforística, que exige não apenas ser lida, mas ruminada¹⁶. A escrita constitui um corpo e os asteriscos possibilitam sua pluralidade, diferentes posicionamentos, movimentação.

Se o corpo é o local onde ocorre a vida e onde a vida se libera¹⁷, é o plural no corpo que permite uma sempre outra vida. Compõem um indizível do texto, uma pausa que produz certa maleabilidade dos limites textuais, uma fenda ou abertura da escrita.

Os asteriscos são provenientes de agitações do pensamento, ao produzir rupturas, espécie de respiro que quebra sua pretensão de linearidade, coesão e totalidade, na suspensão de valorações de verdades tomadas a priori.

¹⁶ NIETZSCHE. 1998, p. 14-15.

¹⁷ DELEUZE. 2007.

É o asterisco, aqui, que permite um corte na velocidade do movimento, a subtração de uma possibilidade finita no infinito de uma vida:

$$n - *$$

Uma composição, um modo de arranjar, através de processos de subjetivação. “Sis” ou si plural do texto.

$$n_1 * n_2 * n_3 * \dots * n_m$$

*

Sobre o pensamento

O pensamento é tomado como uma violência, que tem na instabilidade e na incerteza condições necessárias de existência, impossibilitando-o de ser, deste modo, o imperativo de uma racionalidade ou uma radicalidade de coerência. Modos de pensar criam maneiras de viver¹⁸.

A escritura aqui se compõe junto à estilização de linhas de uma vida impessoal que toma o pensamento como a materialidade que está em vias de se fazer, em sua relação com o

¹⁸ CORAZZA. 2006, p. 29.

que há de indeterminado. “Pensamento que faz dobras e de repente se distende como uma mola”¹⁹.

As determinações produzidas pelo crivo do pensamento não se constituem em limitações, visto que o pensamento só ocorre na relação irreduzível com o indeterminável e o caótico de um Fora e visto que o caos, como diversidade disjuntiva, existe apenas em imanência com seu crivo, que faz dele sair alguma coisa²⁰. Nesse sentido, os asteriscos não limitam o texto, mas disparam questionamentos e permitem *n* relações, por vezes ainda impensadas.

“O sujeito do cogito cartesiano não pensa; ele tem apenas a possibilidade de pensar e se mantém estúpido no seio dessa possibilidade”²¹. O pensamento não possui relação com a indutibilidade, nem segue um rigoroso encadeamento proposicional.

Racionalizar é pautar-se por inferências lógicas, concatenadas progressivamente, na imobilização e no apaziguamento do pensamento em uma única direção, em um modo de funcionamento definitivo. Pensar é estranhar, permitir diluições, aceitar arbitrariedades provenientes dos atravessamentos do fora,

¹⁹ DELEUZE. 2007, p. 188.

²⁰ DELEUZE. 2009, p. 132.

²¹ DELEUZE. 2006, p. 382.

saltar sobre as determinações que lhe pretendem enrijecer. E esta ressalva se faz necessária à medida que considerar a racionalização como totalidade do pensamento embrutece a potencialidade do pensar.

Pensar é experimentar: neste caso, experimentação que se faz texto. O pensamento não segue uma linearidade que o enclausure. Trata-se de um enfrentamento do fora, um exercício sobre esta linha feiticeira que nos arrasta, onde estão em jogo a vida e a morte, a razão e a loucura²². O pensamento é tomado como elemento da diferenciação.

*

Da criação de um Problema

Pensemos em um problema matemático demonstrado em \mathbb{N} (Conjunto dos números naturais). Podemos dizer que, em \mathbb{N} , condicionado à demonstração, sabemos como proceder com este problema. “A fadiga marca o momento em que a alma já não pode contrair o que contempla”²³, onde contemplar, aqui, é extrair algo. Exaurimo-nos entre variáveis, na expectativa de variar o problema. Acontece que

²² DELEUZE. 2007, p. 129.

²³ DELEUZE. 2006, p. 120.

um problema que possui caminhos conhecidos para sua resolução, ainda que não apresente resposta, compreende uma solução. Resolvê-lo, portanto, não envolve já a mesma vontade.

No início, pode se compor com o risco, com a expectativa. Mas a repetição do mesmo se torna algo cômodo, confortável, tranquilo. Nesse momento, é preciso mobilizar o problema, mudar sua regra de funcionamento, apreendê-lo de outro modo, a partir de um novo posicionamento.

Quando condicionada à repetição do mesmo, a vida carrega consigo esta mesma composição. Não é necessário mudar de problema, trata-se antes de mudar de solo: recriar o problema. Neste caso, podemos imaginar outro solo ao transportar o problema: de \mathbb{N} para \mathbb{R} , ao concebermos os irracionais, por exemplo.

Ao pautar-se por outra lógica – os próprios componentes transfiguram-se. Quando se julga estéril um problema, ele se apresenta com tantas outras possibilidades, novamente nos incita e faz pensar, nos força a sair do Universo já pensado – a saber, neste caso, \mathbb{N} . “Transformar é fazer com que algo assuma outra forma, não que desapareça”²⁴.

²⁴ SANTOS. 2003, p. 25.

Através de ressonâncias entre as matemáticas e estudos das filosofias da diferença, busca-se um novo solo para pensar o problema de um *corpo serial* a ser construído como limite de um movimento contínuo entre um dentro e um fora²⁵, através de experimentações que nos possibilitem fabular como se dá a constituição de novas formas. Desejam-se encontros que gerem movimentos. O objetivo não é fugir da realidade, mas a alargar²⁶.

²⁵ DELEUZE. 2007, p. 217.

²⁶ FEIL. 2011, p. 31

ESTUDO DE UMA FORMA: Outramentos do ser disjuncto. Impossibilidade da permanência.

Todo conhecimento conceitual ou categorial produzido por esta escrita é uma ficção reguladora, não tem valor de verdade, mas é relativo, interpretativo e antropomórfico²⁷

²⁷ CORAZZA. 2006. p. 34.

Foucault desenvolveu uma pesquisa sobre “como a verdade de tempos em tempos nos torna sujeitos, nos (dá) forma”²⁸. A verdade a que o sujeito se vincula é tomada como produtora de condutas, ou ainda, como ferramenta de constituição de subjetividades, como tecnologias de subjetivação.

As tecnologias de subjetivação se engendram na construção de modos de ser sujeito, através de um contrato do sujeito consigo mesmo. É o sistema de racionalidade que insere em determinados pontos no mundo.

A verdade é um conjunto de regras que constrange o pensamento a pensar de determinada maneira e, deste modo, como orientadora de condutas, produz efeitos. Tomada em seu caráter precário e circunstancial²⁹, como inventada e substituída, a verdade não existe fora do poder. Ela é datada e localizada, como um construto temporalmente determinado.

O sujeito, segundo Foucault, não é uma substância, mas uma forma que nem sempre é idêntica a si mesma³⁰.

²⁸ PEREIRA e BELLO. 2011, p. 103.

²⁹ VAZ. 1992, p. 66.

³⁰ FOUCAULT. 2005, p. 275.

O ser é uma forma disjunta, sempre provisória, em vias de fazer-se e desfazer-se:

$$\text{forma} \cong n_1 \cong n_2 \cong \dots \cong n_m$$

Entre as formas sujeito de um indivíduo haveria relações de interferências, mas não apresentariam sempre o mesmo sujeito.

*

O que fixa ou mobiliza a forma são as relações que se estabelecem com verdades produzidas, na constituição de modos de ver-se e dizer-se. A interpelação discursiva produz, nessa perspectiva, universos de referência. As formas que se colam às identidades são as que insistem em se perpetuar ao se relacionarem a verdades sedimentadas e estacionárias.

As formas que se transfiguram assumem suas discontinuidades não como um obstáculo a ser ultrapassado, mas como suas constituintes. Fissuras intransponíveis que produzem desvios irreversíveis, num movimento perpétuo de outramento.

O corpo serial é considerado como uma transitividade, uma forma disjunta em estados sempre provisórios.

Trabalhar sobre si é tomado como direção que rompe com as percepções do 'dever ser' que pretendem fixar a forma imposta no limite, estabelecendo para si novas relações com as verdades estabelecidas.

O objetivo volta-se para a definição de formas éticas de existência para si, através de um labor sobre si mesmo. A elaboração de si se constitui através de práticas que podem ser de sujeição ou liberação. Uma prática de sujeição pressupõe o assujeitamento proveniente a processos coercitivos de produção de subjetividade, ao estar vinculada a uma identidade. “De maneira mais autônoma, através de práticas de liberação”³¹, a elaboração de si se dá na constituição de novos modos de existência no que as relações de poder que a atravessa apresentam de móveis e instáveis.

Essa liberação não retorna a uma suposta essencialidade ou a uma condição universal precedente, mas refere-se exatamente a um domínio sobre si, através de práticas, de exercícios. Nessa perspectiva, o pensamento torna-se o objeto do qual se ocupa, na elaboração de modos de vida.

*

Não se trata de negar a forma, mas de constituir-se sempre através de instantaneidades, num movimento de experimentador de si mesmo, de tornar-se um si-outro possível.

Aqui, especialmente, trata-se de re-estabelecer a noção de séries, ou sua máscara corpo serial, seu outro-si.

³¹ FOUCAULT. 2005, p. 291.

Trata-se de re-estabelecer a noção da representação acerca da efetuação de uma estratificação, não mais vista como uma estrutura coesa e linear, mas como uma atualização de singularidades selvagens, em um nomadismo de formas.

Foucault apresenta no livro “A Hermenêutica do Sujeito” que, durante a Antiguidade, o tema da filosofia – como ter acesso á verdade? – não estava separada da questão da espiritualidade – quais são as transformações necessárias do sujeito para se ter acesso à verdade?

Nesse sentido, a filosofia não deve ser apenas *mathesis*, mas também *askesis*, “certa relação prática consigo mesma pela qual você se elabora a si mesmo”³². O conhecimento, nessa perspectiva, exige a transfiguração do sujeito, que algo nele se transforme, se modifique.

O real da filosofia é um percurso, através de um conjunto de práticas pelas quais o sujeito se elaborara a si mesmo. Essa é uma trajetória incerta e perigosa, que nos expõe a riscos “que podem comprometer nosso itinerário e até mesmo nos extraviar”³³.

O *logos*, o discurso, pode ser capaz de orientar a conduta, a ação. Nessa perspectiva, todo discurso é considerado essencialmente uma prática.

O discurso produz efeitos, posicionando lugares de sujeito. A verdade é tomada como o espaço institucional de legitimação do discurso, a condição de proferição desse *logos*: o discurso produz e reproduz verdade.

³² FOUCAULT. 2011, p. 200.

³³ FOUCAULT. 2006, p. 303.

A relação de si para consigo, através da conduta ética, é a única maneira de resistir ao poder³⁴, no que o poder tem de móvel e transformável. A resistência passa por uma inversão nas relações de força, uma subversão das normas prescritas pelo saber e pelo poder, na potencialização de forças plásticas que constituem temporariamente um corpo, na definição de formas nas quais a relação consigo possa se transformar.

*

Outramentos do ser disjuncto

Em um feixe complexo de relações, o sujeito se constitui no estabelecimento de princípios de racionalidade da ação. Essa racionalidade não precisa ser sempre a mesma, nem a mesma para todos: trata-se da invenção de novas possibilidades de vida, através de dissociações sistemáticas e do estabelecimentos de novas vinculações. O ser disjunctivo aniquila qualquer pressuposto de universalização e todo nó de totalização.

Foucault apresenta a conduta ética como produção dos vivos, um modo de singularizar a existência. Neste estudo, realiza-se uma torção ao conceber a conduta ética como afirmação de uma vitalidade, sem obrigação com a produção de um sujeito ou uma vida orgânica.

³⁴ FOUCAULT. 2006, p. 306.

Trata-se da invenção de possibilidades de vida, de modos de existência segundo regras facultativas, fazer da vida objeto de uma *tékhnē*, uma obra, que seja bela e boa.

Essa obra está relacionada à liberdade do sujeito em sua própria produção ética e estética, pois se não fosse seu objetivo e seu desejo fazer uma obra bela, não haveria aperfeiçoamento da vida³⁵.

A moral se funda em valores transcendentais e, desse modo, se distingue da ética estudada nos processos de subjetivação nesta pesquisa. A ética, como regra de conduta, apresenta regularidade, mas não homogeneização nem universalidade. Trata-se de um trabalho sobre si, através da prática operatória da ascese, a fim de tornar-se o que

Como em Foucault, uma criação capaz de subverter a permanência em uma forma identidade imposta pela representação.

A conduta ética se oferece como capaz de movimentar o corpo através de afetações de si e afirmar e festejar a vida.

Bela e boa não assumem, nessa pesquisa, valores transcendentais. Não se trata de um juízo que afirme uma verdade, mas da composição de instantaneidades de posicionamento.

Uma obra bela e boa não consiste num modelo, mas num exercício experimental como modo de relacionar determinadas regras singularizantes.

³⁵ FOUCAULT. 2006, p. 513.

nunca antes havia sido, através de uma relação consigo que possa se transformar eventualmente, sem a imposição de uma forma estática última.

Foucault utiliza o termo *ethopoieîn*, no sentido de fazer o *éthos*, de modificá-lo, na transformação do modo de existir do indivíduo³⁶. Conduzir-se eticamente é munir-se de certas regras de conduta e ligar-se a novos princípios de verdade, na definição de possibilidades de vida que ultrapassem os limites prescritos pela representação, através de exercícios práticos. Trata-se de uma experiência de si que visa a transfiguração parcial da forma através de uma busca prática.

A conduta ética, pautada por regras facultativas ainda não engolidas pela representação, trata da ocupação de espaços singulares na malha de coordenadas discursivas: espaços que se articulam às verdades discursivas, que se engendram nessas estruturas, mas que se diferenciam ao produzirem movimentos.

O *éthos*, no sentido em que os gregos o apreendiam, era a maneira de ser sujeito, um modo de se conduzir.

Trata-se de um modo de se relacionar com a verdade e de se conduzir, de se posicionar num determinado espaço.

Fazer o *éthos* é uma prática que visa transformações na forma de sujeição, de vinculação de um sujeito consigo mesmo, através de técnicas de si. Essas técnicas são intermediações entre o sujeito e as verdades.

*

³⁶ FOUCAULT. 2006, p. 290.

Impossibilidade da permanência

A estrutura é a realidade do virtual³⁷. Uma estrutura não equivale a uma imobilidade, um sistema não é em si finito e pronto: ele não para de se mexer. A questão passa a ser a ocupação dessa estrutura, a incidência em seus códigos, a resistência às suas significações pré-estabelecidas. Não se trata, portanto, de negar a estrutura, mas de engendrar-se nela, preencher um espaço, partilhar-se nele, saltar por cima das barreiras confundindo as propriedades³⁸.

O que permite a mudança nas formas são as singularidades emitidas pelo diagrama de forças sempre em devir. Esse diagrama, condição de possibilidade das atualizações, é sempre o lado de fora instável, agitado e mesclado imanente dos estratos³⁹.

O diagrama age como uma causa imanente não-unificadora ou, ainda, diferenciadora, ao repudiar universais. Trata-se de uma informalidade virtual e dinâmica que se relaciona a uma formação histórica. “É que o diagrama é altamente instável ou fluido, não pára de misturar matérias e funções de modo a constituir mutações [...] Ele nunca age para

³⁷ DELEUZE. 2006, p. 294.

³⁸ DELEUZE. 2006, p. 68.

³⁹ DELEUZE. 2002, p. 92.

representar um mundo preexistente, ele produz um novo tipo de realidade, um novo modelo de verdade”⁴⁰.

Desse modo, nada pode ser fixado. Mesmo os estratos, onde se formalizam as singularidades emitidas por este diagrama, se movem a partir da fissura dos transcendentais e dos universais. Quando a vida se manifesta com o Fora, as virtualidades intensivas se adentram nas estruturas, rachando-as, gerando movimentos.

As singularidades emitidas desse lado de fora dos estratos se atualizam nas formas, individuando-as. Nesse sentido, os estratos são relativamente interiores e, portanto, relativamente exteriores⁴¹, batalha em uma zona turbulenta de variação e atualização.

A constituição da pluralidade das máscaras que compõem um si se dá na interferência do acaso, no caótico ou no desconhecido da existência. O virtual é, nesse sentido, a reserva infinita real de potenciais diferenciadores das estruturas.

*

⁴⁰ DELEUZE. 2002, p. 44-5.

⁴¹ DELEUZE. 1991, p. 127.

Deleuze toma o pensamento como a relação e a não-relação com o fora⁴². O fora é tomado como informe, matéria móvel, com suas dobras que constituem o lado de dentro: nada além do lado de dentro, mas exatamente o lado de dentro do lado de fora⁴³, uma coextensão entre o lado de dentro e o lado de fora, no infinito constituinte da finitude da forma.

A subjetivação ocorre no curvamento da linha imanente da vida. É o vergamento do fora, na produção de um fora no interior, que permite a produção de uma sempre outra vida, a instauração de um sempre outro ou um si outro na forma. A efetuação de uma parcela infinitamente variável de si é o que movimenta a forma.

Enquanto a representação possui um modelo e dela busca ser sua cópia fiel, a tessitura de novos modos de ser – que comportem um caráter ético e estético singular – se relaciona com novas verdades como condição de sua existência. Enquanto a relação consigo é o que permite a disjunção de uma forma eu, a identidade é uma tentativa de codificar essa relação consigo, de assegurar a coesão de um eu.

⁴² DELEUZE. 1991, p. 125.

⁴³ DELEUZE. 2002, p. 104.

Enquanto um modo de existência utiliza o corpo em construção como matéria da obra de arte e trata da estilização e da afirmação de uma possibilidade de vida, a identidade pressupõe uma obediência a si mesmo, através de uma preocupação histórica com as heranças do ser uno. A identidade é algo tornado princípio⁴⁴.

*

A subjetivação existe enquanto uma abertura a um conjunto de forças de afetação possíveis que se atualizam nas formas. Uma transgressão não é um abandono, mas uma insistência na forma, uma incidência nos códigos. Nesse sentido um trabalho sobre si pode ser considerado ético, como aquilo que incide na estrutura em direção a transformações sempre parciais da forma. Só é possível pensar a transgressão se pensarmos as formas, que são condições necessárias embora não suficientes para que haja o processo de subjetivação.

Em imanência, a subjetivação também produz as formas sujeito. A subjetivação é um duplo de extensividade-intensidade, que se efetua na forma e a modifica, na correlação

⁴⁴ DELEUZE. 2006, p. 76

entre diferenciação e diferença. Esse processo que a afeta e constrói, em um movimento de variabilidade contínuo. Trata-se de uma dupla relação, ou uma relação biunívoca, que dá forma ao se subjetivar e, por ser afetada por intensidades o tempo todo, nunca uma forma última, em definitivo.

A impossibilidade de uma posição última da forma se dá porque a integração ocorre sempre por aproximações parciais. Desse modo, “é evidente que toda forma é precária, pois depende das relações de forças e de suas mutações”⁴⁵.

A atualização da forma se dá por integrações, em princípio parciais. Quando a forma se cola a uma identidade, assumindo-se homogênea, linear e estável, ocorre uma integração global. As integrações locais não são consideradas um problema, visto a impossibilidade de deixar a forma; também porque a forma não cansa de se atualizar, gerando movimentos, associando a si porções de exterioridade⁴⁶. A possibilidade de transfigurar a forma se apresenta como um direito à variação, um embate que ocorre em processos de subjetivação.

⁴⁵ DELEUZE. 2002, p. 139.

⁴⁶ DELEUZE. 1995, p. 71.

Só podemos pensar a subjetivação como processo, sem a possibilidade de um modelo. “Não há universais, nada de transcendentais, de Uno, de sujeito (nem de objeto), de razão, há somente processos, que podem ser de unificação, de subjetivação, de racionalização, mas nada mais”⁴⁷.

Não se trata de um ato, de um efeito ou de um instante, mas do que transpassa. A subjetivação enquanto processo se prolonga, percute em outros processos, potencializa continuações, se estende e produz movimentos incapturáveis. O que é codificável e apreensível pela representação não é a subjetivação, apenas os outramentos resultados de seu processo. A subjetivação se faz em zonas de variação, nas infindáveis atualizações da forma.

*

A estrutura existe, mas permite que nela algo se module, como uma “moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante”⁴⁸, num estado de perpétua metaestabilidade. Tomar a vida como centro metamórfico é permitir tombar formas que se colam às identidades.

⁴⁷ DELEUZE. 2007, p. 182

⁴⁸ DELEUZE. 2007, p. 221.

A questão torna-se: abrir-se ao plural que habita toda forma e às descontinuidades que a atravessam⁴⁹. Da identidade à variação, da determinabilidade a uma zona de vizinhança: estabelecimento de novas relações que possibilitam questionar como algo se torna o que é e como se pode conceber um si em determinada posição de pertencimento.

Nesse sentido, o problema não é a forma, mas sua conservação, sua equivalência a uma identidade ou a uma personalidade. O problema do sujeito é sua crença de que se é sempre o mesmo e igual, coerente e racional por natureza. O problema é uma crença na existência de um sujeito universal. Não existe fundamento enquanto uma instância que diferencia a coisa e suas máscaras. A coisa é a própria máscara - máscara que nada disfarça, que nada recobre. O que existe são máscaras, ou ainda, o eu seria apenas uma diferença das máscaras⁵⁰.

*

⁴⁹ FOUCAULT. 2006a, p. 34.

⁵⁰ VAZ. 1992, p. 68.

Viver é “ser cruel e implacável com tudo o que em nós, e não apenas em nós, se torna fraco e velho”⁵¹. A posição na qual um corpo se encontra, em qualquer que seja a forma identidade, é sempre mais confortável, estável e segura. Como também é sempre mais triste, fria e sem cor, porque o que se encerra, o que está acabado e pronto, está morto.

É nessa perspectiva que se concebe a vida como material para produção da obra de arte, pois esse é o modo de não sucumbir à representação, mas manifestar uma criação ao festejar a vida. Esculpir a si mesmo através de exercícios práticos que transfigurem, parcialmente, a forma considerada a ação de corpos que, em meio às invenções e aos artifícios, desejam ser os poetas autores de suas vidas⁵².

Construir um estilismo de si, constituir-se através de uma lógica artista – “essa espécie de culto do não-verdadeiro”⁵³ – é o único modo de evitar a loucura ou o sufocamento de uma forma – a morte em vida. Trata-se conceber-se nas variações, de inventar-se: permitir que as regras de conduta sejam mutáveis.

⁵¹ NIETZSCHE. 2001, p. 77.

⁵² NIETZSCHE. 2001, p. 202.

⁵³ NIETZSCHE. 2001, p. 132.

Pensar a subjetivação é o que permite considerar um comportamento de regularidade próprio como modo de resistência micropolítico, através da recursividade de sis variáveis. Os processos de subjetivação “designam a operação pela qual os indivíduos ou comunidades se constituem como sujeitos, à margem dos saberes constituídos e dos poderes estabelecidos”⁵⁴. Trata-se da constituição de movimentos nas formas de apresentação do sujeito, nos modos de ser, imersos em relações de poder-saber, que possam ser singulares, no atravessamento de processos intensivos e de unidades extensivas.

A vida é tomada como objeto de modulação, considerando que moldar é modular de maneira definitiva e “modular é moldar de maneira contínua e perpetuamente variável”⁵⁵. Tomar a vida como objeto de modulação implicaria, então, uma variação e um desenvolvimento contínuo da forma⁵⁶, através da flutuação da norma que substitui, então, a permanência de uma lei. Moldes sempre temporais ou desmoldagem permanente: a modulação é a variação que permite transfigurar o tema enquanto a moldagem apenas muda de tom.

Os modos de ser se constituem a partir da estratificação de verdades e da sedimentação de discursos que se querem verdadeiros.

⁵⁴ DELEUZE. 2007, p. 188.

⁵⁵ DELEUZE. 2009, p. 38.

⁵⁶ DELEUZE. 2009, p. 38.

Uma forma, quando estável e imóvel, finda todo o jogo das diferenças. Por isso que o que se busca é movimentar a forma, descentrá-la ou, antes, tomar como seu centro apenas a diferenciação. Ainda que não haja desterritorialização absoluta, operar um corte na duração da vida, no fluxo das atividades, na corrente das representações⁵⁷, através da transformação parcial de si, da experiência de modos de ser, de estar no mundo, de posicionar-se nele.

Nesse sentido, considera-se a prática de transformações parciais de um corpo serial através da soma de evanescentes como um modo de resistir ao limite identidade imposto pela representação. Trata-se de subverter as normas que lhe foram impostas, a partir de novas relações ou de relações singulares com as verdades produzidas acerca da convergência das séries.

O limite, como parâmetro que serve à representação, consiste na mediação entre a série e uma identidade, através de uma prática de sujeição. O limite produz a identidade ao amarrar a série em uma forma fixa.

A conduta ética considera o si como objeto de recursividade, o objeto sobre o qual se ocupa, no desejo de suas transformações parciais, no tornar-se o que nunca antes havia sido.

⁵⁷ FOUCAULT. 2006, p. 581.

ECOS ENTRE MATEMÁTICAS E FILOSOFIAS: Teorema da Incompletude de Godel. Inflexão. Matematizar.

A força surda da necessidade e do desejo escapará ao modo de ser da representação⁵⁸

⁵⁸ CASTRO. 2009, p. 104

Teorema da Incompletude de Godel

O sujeito se constitui através de uma prática que o vincule a si mesmo e o faça reconhecer-se enquanto tal, no interior de discursos que não são, em si, nem verdadeiros nem falsos: como as conjecturas estudadas por Godel, onde nada se encerra, onde se suspende ou salta-se por cima de tal valoração.

No início do século XX, começou-se a colocar a lógica em suspeita. O lógico vienense Kurt Godel apresenta o Teorema da Incompletude em 1931, no qual ele demonstra a impossibilidade de atribuir sentido verdadeiro ou falso a algumas proposições matemáticas.

“Godel provou não só que qualquer sistema lógico é incapaz de demonstrar todas as asserções matemáticas realmente verdadeiras, como ainda que qualquer sistema lógico é incapaz de demonstrar a sua própria consistência lógica”⁵⁹. A partir dessa demonstração, inventam-se sistemas lógicos não aristotélicos, “de acordo com os quais uma afirmação pode ser diferente de verdadeira ou falsa”⁶⁰.

Godel demonstrou a insuficiência lógica para afirmar a veracidade ou a falsidade de inserções matemáticas simples.

Por exemplo: “Pela lógica, não é possível demonstrar que essa hipótese é verdadeira”.

Se a proposição acima for verdadeira, então vale a afirmação que é impossível demonstrá-la verdadeira.

Se a proposição for falsa, vale a inversão da afirmação e, portanto, é possível demonstrar que ela é verdadeira.

Gera-se assim, de qualquer modo, uma contradição lógica.

⁵⁹ GUILLEN. 1987, p. 133.

⁶⁰ GUILLEN. 1987, p. 27.

Godel demonstrou as inconsistências da lógica utilizando a própria lógica. Conceber a suspensão de tais valorações restritivas permite uma abertura ao incerto que habita a vida e considera a heterogeneidade e a recusa a generalizações e universalizações de uma forma. Trata-se do modo como se opera com as verdades, na medida em que a ação se dá em meio a um campo estratégico de relações de saber e poder.

A constituição de novos modos de existência passa pela subversão das relações que estabelecemos com as verdades produzidas hoje, através de rupturas nas evidências sobre as quais se apóiam nosso saber e nossa prática⁶¹, através de relações menos hegemônicas e totalizantes, como sugerido por Godel.

Godel foi um infernal na matemática. Um infernal é aquele que aterroriza o pensamento, contra as fortalezas do Pensamento que possui O Verdadeiro⁶². Um infernal pensa o impensável, o impossível de ser pensado, agindo “contra o tempo, sobre o tempo, em favor de um tempo por vir, de um porvir que é o infinito”⁶³. Os infernais são temidos pois resistem às generalizações e produzem

⁶¹ VAZ. 1992, p. 73.

⁶² CORAZZA. 2002, p. 12.

⁶³ CORAZZA. 2002, p. 32.

metamorfoses e suspendem verdades e promovem fissuras no instituído: fazem vaziar sentidos.

Um infernal perturba a estabilidade de uma estrutura. “A descoberta de Godel de proposições indecidíveis é tão perturbadora quanto a revelação por Hipasus de grandezas incomensuráveis”⁶⁴.

Os pitagóricos acreditavam que a essência de tudo pode ser explicada em termos das propriedades intrínsecas dos números inteiros e suas razões⁶⁵. Foi com assombro que os gregos perceberam a insuficiência das razões entre os inteiros, através da aparição de um segmento incomensurável.

Se tomarmos um triângulo retângulo de lados com medida igual a 1 u.m. , sua hipotenusa medirá $\sqrt{2} \text{ u.m.}$, uma grandeza incomensurável. Uma medida incomensurável é aquela que não pode ser expressa como relação entre dois segmentos de grandezas inteiras, através de uma razão.

Acredita-se que a primeira grandeza incomensurável foi descoberta por Hipasus, sendo ele, como Godel, um infernal na matemática. Hipasus teria descoberto que o lado de um pentágono regular e sua diagonal

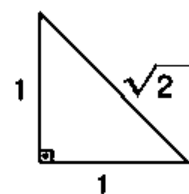


Figura 1

$$\sqrt{2} = 1,41421 \dots (?) \dots$$

O valor de uma n -ésima casa decimal, com n suficientemente grande, não pode ser determinado.

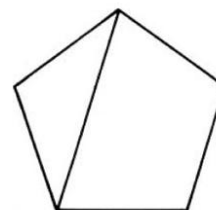


Figura 2

⁶⁴ BOYER. 2012, p. 412.

⁶⁵ BOYER. 2012, p. 70.

são incomensuráveis⁶⁶. Desse modo, o primeiro incomensurável, resultado desta razão, seria $\sqrt{5}$.

Permitir uma abertura à produção dos infernais se oferece como mobilizador do pensamento. Suspender o binarismo verdadeiro/falso, afastando-se de qualquer moral universal, fixando-se a si mesmo como objetivo, conduzir-se eticamente: sempre imerso em jogos de verdade e em relações de poder, produzir maneiras singulares de conduta como expressão de uma prática de liberdade em determinadas configurações históricas.

Essa constituição de si não é um engenho do saber ou do poder, embora mantenha uma relação com eles. O sujeito, nesse sentido, é considerado uma função variável e complexa do discurso⁶⁷. Trata-se de produzir relações singulares com as verdades que se transformam em suas constituições históricas.

*

Matematizar

As coisas em si não são matemáticas, mas potentes de serem matematizáveis. O universo matemático não pertence obrigatoriamente ao

Não há constantes em um irracional.

A insuficiência dos inteiros e a potência do evanescente podem ser apresentados através da incomensurabilidade.

Não importa quão pequena se escolha a unidade de medida, os segmentos permanecem incomensuráveis, escapando a tentativas de identificações.

⁶⁶ BOYER. 2012, p. 71

⁶⁷ FOUCAULT. O que é um autor?, p. 70.

mundo físico, mas ao plano do real, onde tudo é possível, mas nada ainda está dado.

Matematizar é uma forma de trabalhar sobre, uma possibilidade de fabricação de um si, um si outro, através do permanente contato com forças de afetação que promovem diferenciações. A coisa é, em si, potente de ser matematizável e “toda potência é inseparável de um poder de ser afetado”⁶⁸.

Matematizar é a ação de produzir outramentos de uma criação matemática: permite uma forma, fazer vazar uma estrutura. A produção de um outro impossibilita a simplificação de equacionar-se. Um corpo serial, como matematizável, não se identifica.

Se o processo de subjetivação deriva da inflexão do fora na produção de modos de apresentação variáveis, onde o fora é um campo infinito de potencialidades, também matematizar é subjetivar, uma subjetivação-acontecimento, por fabricar matematizáveis.

As matemáticas não têm necessidade com o mundo físico, não se ocupando obrigatoriamente com ele. As matemáticas podem criar modos de apresentação deste mundo, mas não como necessidade ou como fundamento. O mundo físico pode apresentar

O verbo no infinitivo não refere a um “ser alguma coisa”, mas ao que acontece.

Deleuze utiliza o verbo “verdejar” como aquilo que acontece à árvore – a árvore verdeja –, não sendo nunca a mesma árvore ou o mesmo verde, pois não possui uma identidade no tempo presente como uma proposição “a árvore é verde”⁶⁹.

Foucault coloca o estudo dos processos de subjetivação no campo da filosofia ao apresentar a relação consigo “no trabalho de si sobre si” como a efetiva manifestação do real da filosofia⁷⁰.

Nessa conjunção, ao apresentar o trabalho de si sobre si de um matematizável, essa pesquisa se apresenta como uma ressonância entre a filosofia e as matemáticas.

⁶⁸ DELEUZE. 2002, p. 103.

⁶⁹ WEINMANN. 2003, p. 10

⁷⁰ FOUCAULT. 2011, p. 221.

necessidade da matemática, mas a recíproca não é verdadeira. Por isso, é importante tomar as matemáticas em sua existência real, mas não obrigatoriamente como expressão do mundo físico. É a potência de vir a ser e as experimentações, em extensões do pensamento, que possibilitam um processo mensurável de outrar-se, que permitem variar a forma e criar novas relações.

*

Inflexão

Tomamos um ponto crítico – ou um ponto de inflexão de uma função. Uma função é determinada por uma lei de formação que amarra os pontos (x,y) que a constituem em uma relação de dependência. Tomamos a lei de formação como sendo a organização habitada por esta função. O ponto de inflexão é aquele que mobiliza o comportamento da função, ainda que siga as regras provenientes da estrutura.

O ponto de inflexão é uma inversão na relação de forças em si mesma. É o que ocorre na suspensão da valoração positivo/negativo, porque neste ponto a posição não pode ser julgada por tais parâmetros, ao transvalorar-se. Desorganiza ao criar novas ordenações, pois

não deixa de habitar a estrutura. Trata-se de encontrar-se em um estado de diferenciação ao precedente.

Esse é o ponto-conduta que permite variar a forma. Um ponto-conduta é tomado, aqui, como a efetuação de uma ação que produz uma movimentação na extensividade da forma, portanto estratificações pertencentes a uma organicidade que podem suspender valores, por se constituírem em planos onde não se discrimina o verdadeiro e o falso. Trata-se de desestabilizar a concepção de que somos sempre os mesmos e iguais, dissipar uma identidade, o pressuposto da radicalidade da coerência: o ponto-conduta é a parte constitutiva que produz diferença. É através dele que se dá a posituação da forma.

COMPOSIÇÃO DO CORPO SERIAL: Limite.
Derivação/Diferenciação. Integração/Diferenciação.
Infinito. Duplicação.

Talvez o riso tenha se aliado à sabedoria, talvez
haja apenas “gaia ciência”⁷¹

⁷¹ NIETZSCHE. 2001, p. 52

Inserida nessa concepção de verdade e pensando a constituição desses modos de existência, este estudo tem como foco o *corpo serial* como a forma que se faz e se desfaz no estabelecimento de determinadas relações.

O corpo serial é uma forma ingovernável, que pode ser tomada como:

* Resultante de um somatório qualquer, cujo número de parcelas é infinito, portanto uma série:

$$\sum_{n=1}^{\infty} a_n$$

Uma série se compõe na soma de suas n parcelas e, neste caso, $n = \infty$. Ainda que esta série infinita apresente limites definidos, ela insiste em testar a concretude do ponto que lhe impõe parar, ao somar-se a si mesma parcelas infinitamente pequenas, ininterruptamente. É essa repetição da soma de infinitas parcelas que produz seu auto-diferimento, sua forma sempre outra.

Um corpo, uma individualidade, é tomado como “uma composição de uma infinidade de partes extensivas, a permanência de uma relação de movimento e repouso através das mudanças que afetam suas partes”⁷⁵. Um corpo é uma composição e o local onde ocorre a vida.

⁷⁵ MACHADO, 2010, p. 72.

* A curva proveniente da união dos pontos da série: forma do corpo serial, superfície onde ocorrem as transformações. A forma curva é uma união de infinitos pontos, uma forma densa e caótica, cujos pontos constituintes são, por vezes, ilocalizáveis.

A instabilidade ou a descontinuidade permite a produção de novidades, no encontro com forças do fora. Definir um corpo serial com precisão se apresenta como uma tarefa impossível. Um corpo serial é aquele corpo que articula com seu estruturante sem perder sua porção de exterioridade, criando para si um modo de resistência às representações que pretendem lhe moldar. Possui certo grau de dureza e, portanto, certo grau de maleabilidade.

O corpo serial permite pensar na existência enquanto produzida, uma fabricação de si, sem padrão universalizante. Trata-se da desconstrução da mensurabilidade desse ser e de certos critérios de sua suficiência, ao considerar que a estrutura problemática faz parte dos objetos⁷²: o corpo serial é tomado como um ser problemático, sem que isso carregue uma negatividade. O caráter problemático da estrutura é o que permite apreender a positividade no ato de aprender⁷³.

⁷² DELEUZE, 2006, p. 103.

⁷³ DELEUZE. 2006, p. 103.

Nesse sentido, esta dissertação questiona a impossibilidade de representar a evanescência como zero, bem como de assegurar uma posição fixa para um movimento perpétuo. A parcela infinitamente pequena que transfigura este corpo a cada instante é considerada a potência de diferenciação da forma, aquilo que permite que ela se torne um sempre outro, forma plural proveniente de certa regularidade não homogeneizante.

O momento em que a diferença se esvaece é também aquele em que ela se produz⁷⁴. O limite que serve à representação é considerado um nó de totalização, a tentativa de eternização de uma forma, que imprime à série uma interpretação estática, ao fixar-lhe em uma posição última.

*

O corpo serial subverte a tentativa da representação de fixar um deslocamento incessante e igualar o que é incomensurável. Ele se constrói em processos ininterruptos e, portanto, existe enquanto variação, numa trajetória dinâmica de vitalidade da curva. Nessa composição, apresenta assimetrias infundáveis da forma que devém.

⁷⁴ DELEUZE. 2006, p. 76.

“A representação deixa escapar o mundo afirmado da diferença. A representação tem apenas um centro, uma perspectiva única e fugidia e, portanto, uma falsa profundidade, ela mediatiza tudo, mas não mobiliza nem move nada”⁷⁶. Pensar o corpo serial não se estabelece no campo de uma representação infinita, pois não há fundamento nem possibilidade de mediação.

Se Deleuze apresenta que para Leibniz a identidade é concebida como analítica⁷⁷, sob a espécie do infinitamente pequeno, é porque aparece condicionada à similitude e à analogia, na relação biunívoca entre o limite e uma posição última da série.

Mas a convergência não pressupõe a inscrição da diferença a uma identidade pela mediação de um limite, não amarra a série a uma essencialidade. A convergência garante uma continuidade que afirma a disjunção da forma a cada instante. Desse modo, ela assegura que exista sempre uma forma, não uma forma última, mas uma sempre outra atualização da forma.

Leibniz insere o limite no infinito e é isso o que produz a ciência: inserções por corte ou desaceleração do caos na produção de universos de referência. Mas “todo limite é

⁷⁶ DELEUZE. 2006, p. 93

⁷⁷ DELEUZE. 2006, p. 84-85.

ilusório, e toda determinação é negação, se a determinação não está numa relação imediata com o indeterminado”⁷⁸. O limite referencia uma desaceleração no movimento do corpo serial, sem poder apresentar sua completude. A partir da parcela em sua pequenez e efemeridade, que comporta o máximo de variabilidade no mínimo de movimento, a determinação de um ponto de parada do corpo serial cessa e se constitui uma zona de indeterminação.

A convergência se dá num mundo compossível, que tem como condição um máximo de continuidade para um máximo de diferença, girando em torno das singularidades do contínuo. O compossível é irreduzível ao idêntico⁷⁹.

A condição da compossibilidade é o prolongamento ou a continuação das séries convergentes umas nas outras⁸⁰. Deleuze apresenta que, para Leibniz, “o mundo era uma infinidade de séries convergentes, prolongáveis umas nas outras, em torno de pontos singulares”⁸¹.

Cada indivíduo expressa uma série ou sequência infinita. A compossibilidade reside no conjunto das séries convergentes e

⁷⁸ DELEUZE. 2010, p. 142.

⁷⁹ DELEUZE. 2006, p. 367.

⁸⁰ DELEUZE. 2009, p. 89.

⁸¹ DELEUZE. 2009, p. 104.

prolongáveis que constituem o mundo. A impossibilidade reside nas séries que divergem na vizinhança das singularidades, pertencendo a dois mundos possíveis, cada qual diferente do outro⁸².

O indivíduo aparece como uma “concentração, acumulação, coincidência de um certo número de singularidades pré-individuais convergentes”⁸³. A individuação aparece como um processo de diferenciação que iria de singularidade em singularidade, relacionando o indivíduo a cada mundo. O indivíduo, nessa perspectiva, “não é uma espécie derradeira e última”⁸⁴, mas um contorno, uma curva que se prolonga e flui, que se diferencia e que expressa a atualização de singularidades pré-individuais, portanto uma variabilidade contínua. A continuidade, aqui, assume o significado “a cada instante” e não indica ausência de cortes ou rupturas, como se o processo fosse previsível, dedutível ou homogêneo.

É a convergência que potencializa o infinitamente pequeno do próprio esquema finito oferecido à série por seu limite correspondente, não sendo possível localizar exclusivamente na divergência a posituação da diferença. Tanto a convergência quanto a divergência de uma série

⁸² DELEUZE. 2009, p. 105.

⁸³ DELEUZE. 2009, p. 110.

⁸⁴ DELEUZE. 2009, p. 112.

pode ser manifestação do que difere, pois a profundidade original e intensiva que é a afirmação da diferença não se deixa reduzir ao negativo de uma limitação.

O limite nada identifica ou pressupõe. Cada termo infinitamente pequeno é já diferença constitutiva da série. A diferença é primeira em relação à identidade, estando atrás de toda coisa, nada estando atrás dela⁸⁵. O limite visa estabelecer uma forma sedentária, mas o movimento de evanescentes é uma distribuição nômade que subverte a estrutura da representação.

*

Limite:

Um limite consiste na apresentação de valores próximos, ainda que distintos, da atualidade da forma. Se uma curva tende ao limite conforme seus valores suficientemente pequenos tendem a zero, o processo se encerra em uma posição já fixada – uma identidade limite existente. Nesse caso, o limite pretende anular o infinitamente pequeno, ao servir à representação. Nesse sentido, ele busca

⁸⁵ DELEUZE. 2006, p. 94.

identificar $\frac{1}{\infty} = 0$, num ciclo burocrático de remarcação do mesmo, através de generalizações provenientes de uma lógica dedutiva. O limite surge, então, como uma interpretação, espécie de vinculação da série a uma identidade representada.

Nesta pesquisa o limite não impõe paradas ao evanescente, visto que o virtual frustra as previsões prévias do possível, ao dissolver identidades e considerar precária a forma da representação. Aqui, $\frac{1}{\infty}$ é o inverso de uma totalidade.

O limite também pode ser uma assíntota, uma reta que leva a curva das séries a $\pm\infty$.

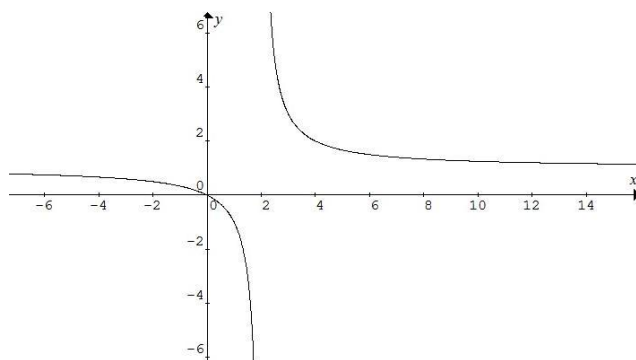


Figura 3

Nesse caso, ele não pode ser fixado e a curva cresce ou decresce sem cotas. A partir da movimentação da noção de limite, os corpos seriais passam a ter a possibilidade de tornarem-se metamórficos.

O estudo da assíntota como limite e, dessa forma, o crescimento ou decrescimento sem cotas da curva não é foco desta pesquisa. Ainda assim, considerou-se que, aqui, caberia mostrar tal comportamento através de uma imagem.

*

Derivação/Diferenciação:

É a variação de uma variação. Produz aceleração ou desaceleração que possibilitam mudar a posição, ao produzirem deslocamentos. São ritmos ou velocidades inerentes à atualização das formas, enquanto um processo intensivo. Se o sujeito é sempre uma derivada⁸⁶, é à medida que ele se constitui na variação, devido à determinação da correlação entre o virtual e a derivação.

A potência da derivada não está na identidade $\frac{dx}{dy} = \frac{x_1 - x_2}{y_1 - y_2}$, mas no movimento incessante da variabilidade. Trata-se da diferenciação, enquanto determinação do conteúdo virtual da ideia⁸⁷ ou da coisa, a diferenciabilidade como princípio da atualização.

*

⁸⁶ DELEUZE. 2007, p. 134.

⁸⁷ DELEUZE. 2006, p. 291.

Integração/Diferenciação:

Apresenta a atualização do virtual em extensões. Trata-se de aproximações limites, como acontece na tentativa de quadrar o círculo através da exaustão da área do círculo através do método de infinitesimais, um problema de vizinhança, de superfícies. A matéria, em sua porção disforme, deixa sempre espaços vazios no processo de integração.

Enquanto processo, a diferenciação funciona como tentativa de organização do caos na forma, através da criação de soluções. Consiste no processo de diferenciação, enquanto determinações que constituem a existência atual da coisa, que “rompe tanto com a semelhança como processo quanto com a identidade como princípio”⁸⁸.

A curva $f(x)$ une as instantaneidades de apresentação do corpo serial. A integração busca preencher o espaço sob a curva, no intervalo entre a e b .

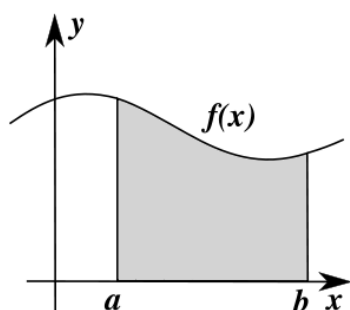


Figura 4

A quadratura do círculo é um dos três problemas clássicos da Antiguidade.

A primeira menção deste problema remete a Anaxágoras, que faleceu em 428 a. C. É atribuído a Hipócrates a primeira enunciação da mensuração curvilínea.

A quadratura pressupõe a técnica de infinitesimais, através de uma infinidade de secções infinitamente pequenas e iguais em correspondência biunívoca.

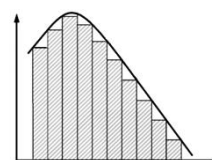


Figura 5

A imagem acima mostra o problema de superfície da curva através do método dos infinitesimais.

⁸⁸ DELEUZE. 2006, p. 298.

Uma diferenciação é sempre uma integração local, enquanto a integração global se dá por composições. São sinônimos: atualizar, diferenciar, integrar, resolver⁸⁹. A determinação carrega a atualização das singularidades.

A curva permite sua integração, ao atualizar essa acontecimentalização de tornar-se um sempre outro ou um não-si. Essas curvas se prolongam, formando uma vizinhança a outras curvas, constituídas de outros pontos singulares. A atualização só integra criando um sistema de diferenciação⁹⁰.

*

Infinito:

O infinito é o que dá corpo a um segmento real. Tomemos, por exemplo, o segmento $\overline{ab} = 1$.



Figura 6

⁸⁹ DELEUZE. 2006, p. 297

⁹⁰ DELEUZE, 2002, p. 84.

A porção de reta que une 0 e 1 é uma tentativa de organizar o infinito ingovernável e denso que compõe o espaço. Mas esse é um solo movente onde o infinito é o real do desconhecido de sua existência. O zero e o um são pontos de acumulação, de racionalização de uma extensão. O que existe entre eles, esse intervalo real, portabiliza a irracionalidade da forma. Qualquer ponto nesse intervalo pode ser apresentado como a soma de um racional e um irracional.

Alguns racionais podem ser representados por uma extensão algébrica precisa, e são exatamente aqueles que possuem uma forma decimal finita. Estes são os números que podem ser fixados na reta real: permanecem em uma forma.

Os números irracionais e as extensões decimais infinitas dos racionais são esboços num perpétuo movimento de tornar-se. Eles transgridem o ponto fixado na reta real a cada movimento de formação de si. O infinito é, nesse sentido, aquilo que aniquila a possibilidade de pontuar com precisão uma posição última de uma expansão.

Enquanto o limite se relaciona com a eternização de uma forma, o infinito possibilita a produção de movimento, através de pontos diferenciais ilocalizáveis. A potência do virtual é

sua reserva infinita, dada a impossibilidade de exaurir um conjunto infinito. Por mais singularidades emitidas desse virtual atualizando-se, a infinitude não muda sua cardinalidade.

Temos, portanto, que:

$$\infty - 1 = \infty$$

$$\infty - * = \infty$$

*

Duplicação:

Todo objeto é um duplo, constituído de duas metades dessemelhantes: virtual e atual, diferenciação e diferença, em reciprocidade mútua, em uma troca perpétua. É a individuação o que permite o encaixe dessas duas metades ímpares, dissimétricas e dessemelhantes⁹¹. Há inseparabilidade do objeto atual e sua potência virtual, ainda que estes sejam irreduzíveis. Nesse sentido, a integral não é uma anti-derivada, pois são ambas partes de um mesmo objeto, através de uma correlação.

Nessa perspectiva, é possível pensar a forma em sua porção de extensividade e intensividade, em sua condição mutável,

⁹¹ DELEUZE. 2006, p. 386.

transformável, como centro descentrado. “A relação entre o atual e o virtual forma uma individuação em ato ou uma singularização por pontos relevantes a serem determinados em cada caso”⁹². A reta tangente se articula com a tessitura da curva: ela não perde sua porção de territorialidade e não pára de se desterritorializar, no aspecto duplo imanente a toda coisa.

⁹² DELEUZE. *Atual e virtual*, p. 10.

EXPERIMENTAÇÕES: Compossibilidade. Corpo Serial q. Zona proximal.

Gelo liso
É paraíso
Para quem sabe dançar⁹³.

⁹³ NIETZSCHE. 2001, p. 23.

Corpo serial: Solo movente onde ocorre a vida e que permite apresentar problemas que são dizíveis através de uma fabulação. Centro descentrado, metamórfico, o qual possibilita questionar como se sedimenta ou como se transfigura a forma. O corpo serial festeja a vida ao se produzir para além dos limites da representação, ao inventar-se a cada nova parcela, a cada instante.

As séries, sempre infinitas – enquanto somatórios sem termos últimos –, são corpos em construção que ora se amarram na forma que lhe comporta e ora extrapola as determinações que lhe são impostas. Trata-se de uma duplicação: porção estratificada em um sistema de diferenciação permanente. O extenso de um corpo é feito de singularidades pré-individuais atualizadas⁹⁴.

O corpo serial se faz e se desfaz e se integra e se diferencia e é finito e é infinito. O e é tomado como conjunção com força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser⁹⁵, como o que o desequilibra, ao se compor como diversidade, multiplicidade, destruição de identidades⁹⁶.

Conjunção que permite sair do dualismo e pensar o continuum, como modo de relacionar e

“E” que compõe e arranja e agrega e articula e positiva uma espécie de outramento de si, através de forças e fluxos que o tornam possível, para além das limitações do “ou”, da oposição no predicado.

⁹⁴ DELEUZE. 2006, p. 386.

⁹⁵ DELEUZE. 1995, p. 37.

⁹⁶ DELEUZE. 2007, p. 60.

envolver as coisas: coexistência e dinamismo na constituição da forma. Trata-se de novas configurações, de variações não excludentes, possíveis através da justaposição “e”.

O corpo serial, centro de transfigurações recorrentes, se faz entre dois mundos, que coexistem e se atravessam incessantemente. Trata-se, de um lado, do mundo das formas, com suas leis e verdades e, de outro lado, de um mundo intenso, em devir, com suas zonas de incerteza e suas potencialidades de diferimento. Enquanto a integração apresenta a existência atual da forma, sua derivação constitui uma completude sem com isso ser a forma inteira⁹⁷.

O infinitamente pequeno, o evanescente, é a condição de possibilidade do diferimento do corpo serial, o que faz vacilar a forma. Enquanto na representação ele é anulado, ao ser encarnado na relação construída $\frac{1}{\infty} = 0$, na imanência ele se positiva em sua potência de variação, enquanto causa e efeito do movimento produzido na forma, como o inverso da totalização.

Ao considerar esta configuração imanente da evanescência, nesta pesquisa, ela é tomada como uma força ativa de incidência nos códigos, um modo de resistência à generalização, que opera como o diferenciador da forma curva.



Figura 7

A transfiguração da curva, extenso do corpo serial, se dá pela soma de infinitas parcelas. A partir de uma determinada parcela n , trata-se de evanescentes.

⁹⁷ DELEUZE. 2006, p. 81.

O infinitamente pequeno se amarra à representação à medida que se pretende zero. Mas isso pressupõe que ele seja fixo. Como considerar fixo o que é recorrente e indeterminável? O infinito e o finito não pertencem à representação: são construtos que servem a tal perspectiva no momento em que se engendram à imobilidade de seu significante.

O que se problematiza é o sentido no qual o finito e o infinito se amarram a uma identidade. Ao considerar o evanescente como ilocalizável, ingovernável, diferenciador, pode-se dizer que a individuação da curva ocorre, em parte, pela densidade do conjunto extenso das parcelas infinitamente pequenas que a ele se compõem. Desse modo, essa parcela suficientemente pequena age como o distinto da forma, a disjunção do Uno, aquilo que produz movimentos.

O movimento é heterogêneo e irreduzível, “é o ato de percorrer, é o que se faz, o que está se fazendo”⁹⁸. Não se pode reconstituir o movimento, nem decompô-lo ou recompô-lo e, portanto, não se pode mediá-lo. O movimento produz efeitos e se prolonga. Seus efeitos produzem contornos que se distinguem de uma sucessão planejada de formas e se aproximam de instantaneidades sempre em composição.

⁹⁸ MACHADO. 2010, p. 249.

Não se pode decalcar o que é móvel e efêmero, o que se agita sem padrões estabelecidos. Impossibilitar a permanência surge como uma luta que tem no movimento e seu domínio de efemeridade e prolongamento a resistência às definições do dever ser, inscritas num limite.

*

Compossibilidade

Desse modo, o corpo serial se faz no atravessamento de dois mundos compossíveis, numa espécie de combate entre eles, ou na coexistência deles. É através de uma batalha com o fora que a forma se constrói e desconstrói indefinidamente.

Esse corpo serial pode pertencer a mundo compossível à medida que reside na convergência a um limite, mas pressupõe a produção de infinitas formas. A individuação deste corpo, em sua compossibilidade, é uma concentração, acumulação, coincidência de um certo número de singularidades pré-individuais convergentes⁹⁹. As parcelas que a ele se somam são suas diferenças individuantes, um

⁹⁹ DELEUZE. 2009, p. 110.

princípio plástico, anárquico e nômade de sua composição.

Um possível institui uma existência. A possibilidade, enquanto condição de um máximo de continuidade para um máximo de diferença, é irreduzível ao idêntico¹⁰⁰. O limite de uma série não é um limite único para toda série convergente e, nesse sentido, não há monocentrismo que sirva à representação e constitua uma identidade. A única convergência de todas as séries é um caos informal¹⁰¹.

Pode-se dizer que a série sofre um processo de individuação, à medida que suas parcelas são a atualização no extenso de seu corpo das intensidades que determinam diferenciações. Um ser que diferencia a si mesmo em sua efetuação, através de uma experiência de si, de um deslocamento perpétuo na variação da posição.

Os pontos que apresentam as posições das instantaneidades da forma serial são singularidades. A posição atual da última parcela acrescida à série, enquanto ponto, é “um virtual que se atualiza expressando encontros, transições e a mínima secção geométrica possível”¹⁰², na produção de curvas.

¹⁰⁰ DELEUZE. 2006, p. 367.

¹⁰¹ DELEUZE. 2006, p. 384.

¹⁰² ZORDAN. 2004, Plc. Pontos, Linhas, Cores, p. 1.

*

Corpo Serial q

Consideremos a construção do corpo serial:

$$q = \sum_{n=1}^{\infty} \frac{3}{10^n}$$

- a) Embora perceptível, é inapreensível empiricamente.
- b) Possui existência sem possibilidade de codificação que o presentifique.
- c) Possui relação com um movimento de perpétuo diferimento, não podendo ser fixado, existindo apenas em extensão do pensamento.

É possível ver que q é a soma de sucessivas parcelas $0,3 + 0,03 + 0,003 + \dots$, aproximando-se de um valor limite de $\frac{1}{3}$, cuja expansão decimal é $0,33333\dots$

Conhecemos as regras de formação às quais sua forma se relaciona e ainda assim ele precisa ser construído. É diferente de tomarmos um $s = 0,2$, por exemplo, que é um ponto fixado na reta real. O número s apresenta o problema de uma forma identidade: sua

preservação e completude. Enquanto q , ainda que seja acima apresentado por uma igualdade, se transfigura a cada instantaneidade do presente vivo que é “essencialmente variável em extensão e em intensidade”¹⁰³.

O número q difere a cada parcela que a ele se soma, ou seja, ele sofre um processo de diferimento de si ao tornar-se ele mesmo. Um processo infinito de auto-diferimento, através de transformações sempre parciais. São composições sempre provisórias de q , em perpétuo diferimento. Ele carrega a potência de diferir, ao constituir-se.

O número q não pode ser mensurado, ainda que possua extensão, uma vez que a ele se somam parcelas cada vez menores, infinitamente menores, ininterruptamente: e nada é mais perturbador que os movimentos incessantes do que parece imóvel¹⁰⁴.

Produzir movimentos ou liberar sua potência diferenciadora entra em consonância com “favorecer culturas do dissenso: reinventando novas formas, significações, posições de indivíduos e de grupos”¹⁰⁵. A soma dessas parcelas infinitamente pequenas é sutil, mas recorrente e, portanto, potencializa o que é evanescente ao torná-lo repetição na

¹⁰³ DELEUZE. 2009, p. 123.

¹⁰⁴ DELEUZE. 2007, p. 195.

¹⁰⁵ CORAZZA. 2011, p. 55-56.

produção de uma diferença. O que tende a $\frac{1}{\infty}$,
nessa perspectiva, o que compõe a efetuação de
uma singularidade, capta a potência do
atordoamento, da embriaguez, da crueldade e
até mesmo da morte¹⁰⁶.

Neste caso, q é a soma de infinitas
parcelas $0,3 + 0,03 + 0,003 + \dots$,
aproximando-se de um valor limite de $\frac{1}{3}$.

Não se trata, em absoluto, de um mesmo
número. Em termos de convenção
estabelecemos que:

$$\frac{1}{3} = 0,3333\dots$$

Mas trata-se de uma construção sempre
em vias de tornar-se, nunca de uma
completude.

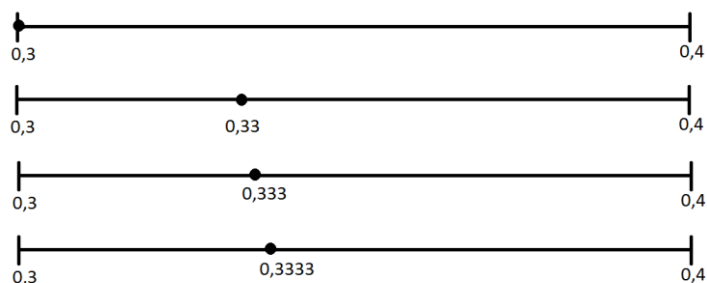


Figura 8

¹⁰⁶ DELEUZE. 2006, p. 366.

O limite é uma fabricação da representação, uma tentativa de fixar aquilo que está em perpétuo movimento, de organizar o caos constituinte da formação serial. Incidir num código, operar nele uma descodificação, exige que se adentre nele e que dele se faça sair alguma coisa.

Utilizar a evanescência para testar a impossibilidade de permanência é estranhar uma identificação imposta pela representação, subvertendo a cadência lógica dessa implicação.

A série que soma infinitas parcelas é uma forma que não se deixa sedimentar, mas que se produz, se transfigura, que escapa às determinações de uma totalização. O evanescente não aparece na primeira ou segunda parcela, mas a partir do n -ésimo termo e a partir daí.

Não é possível deixar de se relacionar com a verdade que habita sua conduta e produz seu movimento, mas esse processo envolve relações de troca entre a regra que lhe codifica e parcelas singulares que lhe permite variar. Trata-se de uma formação de si, uma afetação de si na subversão da rigidez que o limite lhe propõe através da constituição de um percurso que singularize a conduta.

Romper com essa imobilização do corpo serial é acolher a disjunção entre as

instantaneidades da forma, entre seus pontos de parada. A série infinita é disjunta a si mesma a cada instante, na variação contínua das n parcelas que lhe constituem. Nessa configuração, não há estabilidade, coesão ou equilíbrio.

A potência do corpo serial não é sua convergência na direção de um fundamento, mas sua afirmação como diferença a cada instante. A convergência pode ser mediada e, portanto, representada, amarrando a série a uma identidade limite. Ainda que a linha amarre suas efetuações de singularidades, a diferença se repete e movimenta a linha.

Os pontos singulares que a ela se somam a cada instante são um infinito pertencente ao finito da linha, o infinito constitutivo da finitude da forma. Mas não se trata de um infinito que representa em identidade analítica a finitude da forma, porque a composição do infinito é inessencial, não pode ser fixada.

Os pontos singulares que produzem infinitamente a série são como a profundidade intensiva que afirma sua diferença. Cada termo da série é já diferença¹⁰⁷, portanto a série, enquanto soma desses termos, é constituída pela diferença. Deleuze afirma que a identidade gira em torno da diferença: o ser se diz do

¹⁰⁷ DELEUZE. 2006, p. 94.

dever e a identidade se diz do diferente¹⁰⁸. Ser que diferencia a si mesmo em sua efetuação, desconcertando o determinismo que a representação havia proposto.

A diferença é constitutiva da forma, é o que a transforma e subverte, num jogo de capturas. A mensurabilidade da linha se metamorfoseia, se constrói a partir de cada termo, num continuum de diferença.

*

- (1) Uma expansão infinita não pode ser apresentada contendo um termo último.
- (2) Igualar o infinitamente pequeno a zero é um julgamento que aniquila com o indefinido que habita a forma, sendo uma expansão infinita o resultado de atualizações sempre em relação a seu Fora imanente.
- (3) Toda forma é precária, como apresentado anteriormente. Ela depende das relações que se estabelecem entre seu significante e seus significados.
- (4) O corpo serial é uma forma disjunta e, portanto, subverte qualquer tentativa

¹⁰⁸ DELEUZE. 2006, p.73.

de generalização.

- (5) O corpo serial se constrói em zonas de variação, dinamismo que impede a determinação precisa do posicionamento de um corpo.
- (6) Cada parcela evanescente age como diferenciador da forma, na efetuação de virtualidades intensivas.
- (7) O zero é o que relaciona o corpo a uma identidade, eternizando uma forma.
- (8) Fixar é produzir identidades. Arranjar é produzir movimento.
- (9) A representação deixa escapar o infinitamente pequeno na disjunção caótica que o constitui e impossibilita pontuar, localizar, situar.

*

Zona proximal

Se quisermos saber o limite de uma função $f(x)$ quando x tende a um valor a , devemos tomar valores suficientemente perto de a para análise. Ou seja, são valores próximos, mas não iguais a a . É disso que se trata o estudo de um corpo serial.

Trata-se de analisar a zona proximal de

um ponto e o comportamento de uma construção serial neste intervalo, enquanto solo movente de constituição desse corpo que se faz e refaz. Ou, ainda, de analisar a zona proximal deste corpo em vias de tornar-se algo e suas condutas neste processo de montagem da forma.

Não se trata de um instante que possa ser fixado, mas da possibilidade do movimento criado em torno e para além da forma que lhe foi projetada, na transgressão dos limites que lhe são impostos. Esta é uma zona de vizinhanças, um conjunto de possibilidades impensadas, um campo de virtualidades.

Aceitar o limite como solução é perder sua potência enquanto problema, é destituí-lo da diferença que o caracteriza, significa subordiná-lo a uma semelhança e considerá-lo como uma interpretação do corpo. A diferença é a potência problemática do limite, em sua indeterminabilidade. O limite existe, mas não pode ser fixado.

A zona de vizinhança de cada singularidade atualizada pela curva é indeterminável: qual o número real sucessor de 0,123? No universo real, que porta o universo dos irracionais, não se determina um sucessor. O caos impõe a imprecisão da definição de um sucessor primeiro, embora a organização da

forma possa estabelecer relações de proximidade. Nesse sentido, a determinabilidade do ponto se dá somente por relação.

Um corpo que se constrói numa zona proximal só permite integrações locais, através de um continuum de variação. A parcela infinitamente pequena do corpo serial é a efetuação de intensidades que impossibilita sua integração total.

A zona de variação é imanente a um processo de subjetivação, num processo de outramento infinito, que produz infindáveis atualizações da forma. É nesta zona dinâmica que se efetiva o impensado na vida deste corpo. A zona de variação é imanente à zona de atualização.

A zona proximal, uma zona de variação contínua, dissipa toda tentativa de determinabilidade e o estabelecimento de qualquer posicionamento último. Ocupar um espaço, partilhar-se nele, é possível apenas em meio a relações que são, por sua vez, mutáveis. A certeza é suspensa na aparição do movimento. O que se apresenta são instantaneidades que estão em vias de se fazer e se desfazer sendo, na constituição de uma forma metamórfica.

*



Figura 9

Éis um conjunto infinito denso. Um intervalo de reta real não apresenta espaços vazios, ainda que seus pontos irracionais não possam ser apresentados com exatidão, construindo-se infinitamente em sua expansão decimal. Infinito porque sua mensurabilidade comporta todos os pontos que lhe compõe, embora não possa determiná-los. Essa curva não é uma forma coesa, mas uma tentativa de enquadramento num traço.

Esses pontos ingovernáveis que se constroem a si mesmos através de um processo de recursividade tem existência que a mensurabilidade da curva é insuficiente para apresentar e um segmento, por menor que seja, é incomensurável com qualquer medida racional.

Esse intervalo é tomado como zona de ingovernabilidade. Existem pontos não atingidos pela malha de coordenadas porque a malha é discreta, enquanto o conjunto de pontos é contínuo. É pelo ponto não cartografado na

malha de coordenadas que é possível pensar o escape. Trata-se da posituação da existência pontual, enquanto deslocamento no sistema de racionalidade que o circunscreve.

DE UMA PESQUISA EM MEIO À VIDA:
(In)Conclusões. E a educação?

(In)conclusões

Partilhar uma conclusão iria na contramão do que foi desenvolvido neste texto: a importância de definir para si novas relações com as produções de verdade no estabelecimento de modos singulares de posicionamento. Arrisco-me a dizer, na primeira pessoa do singular, sobre o que, ao que me parece, tratou esta dissertação. Desejo que, para além de conclusões, tenham sido disparadas questões,

Esta escrita se pôs a estranhar o que se afirma sobre a evanescência, o que se estabeleceu historicamente como verdadeiro acerca do infinitamente pequeno. Estranhar não é desqualificar, mas experimentar um outramento. Não se tratou de excluir ou anular, mas de compor.

Problematizar a interpretação que anula o evanescente e, com isso, fixa a série em um limite último evidencia o movimento como constituinte do corpo e sua efetiva impossibilidade de permanência.

Acolher o limite cessa o movimento, tornando estática ou determinada a existência. Assumir o movimento incessante dos evanescentes que constroem o corpo consiste num percurso imprevisível e infinito,

A série convergente é fabricada por evanescentes e, por isso, caso os evanescentes sejam anulados, a série torna-se imóvel.

atravessado por intensidades que afetam a forma e a produzem enquanto instantaneidades.

O movimento escapa à representação por ser inexprimível, podendo apenas ser vivido. Os estudos do movimento têm como materialidade apenas as diferentes instantaneidades de posicionamento. Mas essa conjunção não apreende o movimento, não o decalca na empiria, apenas apresenta um intervalo de deslocamento.

Por vezes, é possível estudar a velocidade do movimento, a distância percorrida, o tempo cronológico necessário: mas o movimento permanece incapturável. Especialmente o movimento dos evanescentes, que impossibilita até mesmo o cálculo exato de uma distância, visto que eles constroem a forma numa variação perpétua. A cada instante, a evanescência altera a forma do corpo, como sua força plástica constituinte, modeladora. A parcela infinitamente pequena que se soma à série a cada instante resiste à representação, incidindo nos códigos.

Não são necessários grandes movimentos para que haja a diferença. A diferença constitui o próprio movimento, sendo o movimento o diferenciador de uma forma. A singularização, um modo singular de se conduzir, ocorre através de movimentos: se uma conduta

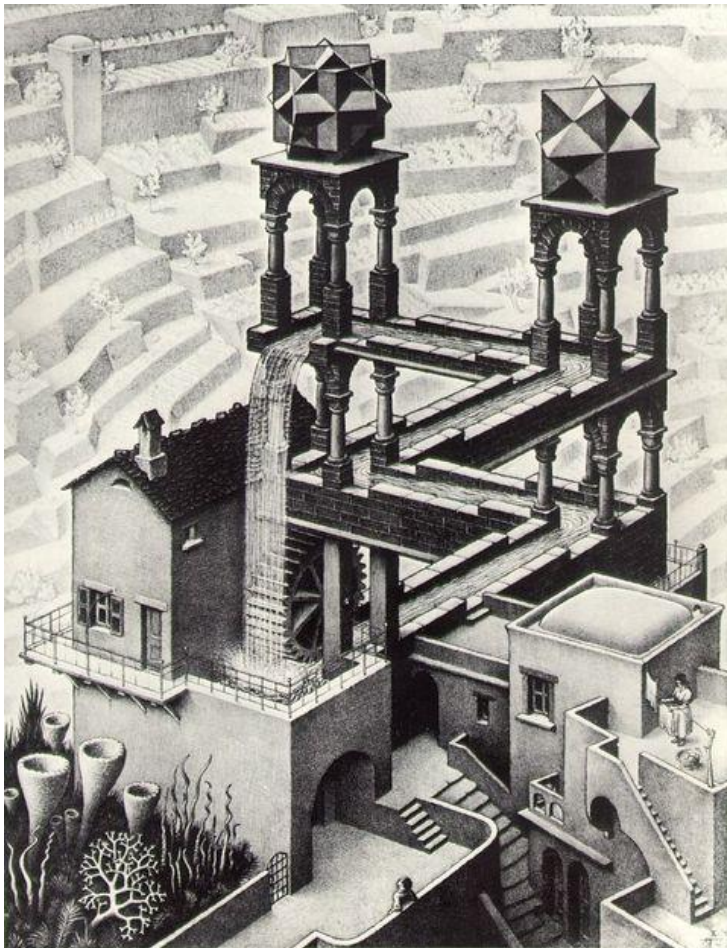
pudesse se singularizar no que há de fixado na existência, já ter-se-ia sido engolida pela representação.

Foucault apresenta: “a filosofia como ascese, isto é, como constituição do sujeito por si mesmo, parece-me que é isto que constitui o ser moderno da Filosofia”¹⁰⁹. A ascese, o trabalho de si sobre si mesmo, o vergamento da curva imanente à vida na constituição de um exterior no interior: este é o objetivo de uma forma que não se prende às identidades da representação definindo condutas éticas singulares de si para si.

O estudo daquilo que resiste à representação possibilita a diluição de binarismos e permite que nos equipemos para repensar as relações que estabelecemos com as verdades, em seus limites espaço-temporais. O processo de enrijecimento de uma formação acadêmica que se pretende científica encontra na fabulação que incide em seu estruturante uma possibilidade de subverter uma lógica que produz modos de ser. Tal subversão só pode ser considerada a partir de experimentações: de escrita, de novas relações com as verdades estabelecidas, de novos posicionamentos nas coordenadas discursivas.

¹⁰⁹ FOUCAULT. 2011, p. 321

Transitar por rastros que se modulam em relações entre as matemáticas e a filosofia se configura como um solo que faz vacilar formas. A convergência das séries permitiu que se construísse a argumentação da impossibilidade de permanência a partir do movimento de evanescentes. Outras fissuras na lógica generalizante poderiam ter sido apresentadas: as produções de Escher, a divergência das séries, a incomensurabilidade.



A imagem ao lado chama-se Waterfall, queda d'água, uma "figura impossível", de 1961.

Figura 10

Nas imagens do artista holandês Marits Escher, a lógica se vê atravessada pelo imponderável e a representação não dá conta de estruturas que se abrem ao Fora. “O que nos parece estranho em suas imagens é a existência simultânea do diferente; sem hierarquias, sem início e fim, sem verdade e mentira”¹¹⁰. Vazar a estrutura exige que se adentre nela, que se utilize dela para criar o diferente.

Lógicas não aristotélicas como as que se tornaram possíveis a partir do Teorema da Incompletude de Godel, os números irracionais e as medidas incomensuráveis, o ponto de inflexão: foram criações das matemáticas que serviram à escrita em sua potência como problema, como mobilizadores do pensamento. Cada um deles poderia ter sido desenvolvido como foco da dissertação, que procurou estabelecer linhas menos duras na constituição das verdades que dizem sobre a coesão de uma estrutura.

Uma questão que atravessa as discussões apresentadas é a verdade, em seu caráter espaço-temporal: a verdade como técnica que permite a conservação de um estado ou como possibilidade de criação de um outro modo de existência tangível, a verdade em sua instância

¹¹⁰ OLIVEIRA E FONSECA. 2006, p. 35.

ética, a verdade como produto e produtora de discursos. A partir de novas vinculações com a verdade, o corpo serial permitiu pensar na existência como uma fabricação. Uma fabricação que se queira fabricar, que se efetive do desejo de transformações da forma e do festejo da vida. Uma fabricação sempre em vias de se desfazer e fazer, que se mantenha aberta a experimentações de si.

A modulação de uma forma ocorre no atravessamento de forças sempre incapturáveis e imprevisíveis, produzindo singularidades. Ser sujeito é pertencer a um plano inescapável da forma, da formação, produzir códigos. Mas aquilo que escapa, que é da ordem da intensidade, do encontro, é o que constitui uma forma em instantaneidades, um corpo que se modula, um código que se estrutura num percurso possível ainda não pressuposto, ou não pressuposto a priori.

Esta dissertação compõe uma formação acadêmica. Uma formação trata de uma produção de formas, de um posicionamento nas coordenadas discursivas. Acompanhado de irreversíveis em minha constituição docente, a produção de tal escrita possibilitou novos fazeres e novos sentires, nas relações entre as formas disjuntas que me constituem. Formar é compor: arranjar irreversíveis e estabelecer

novas vinculações, para conduzir ações. Na conjunção que se apresenta, formação que se fez texto.

*

E a educação?

O que o corpo serial diz sobre a educação? O que ele diz sobre a formação, sobre a produção de formas?

A questão foi: produzir formas. Ele diz sobre a formação e a conduta: diz que é preciso transgredir à norma, às mesmices que a sala, o quadro, os corpos fixados impõem. Diz que é preciso e é urgente pensar o impensado e conduzir a si mesmo na singularidade de ações que se efetivem na produção de movimentos.

O corpo serial problematiza o Mesmo, questiona modos de fixação das formas, suspende verdades: concebe que o conhecimento transfigura a forma, movimenta o corpo, produz condutas.

Não cabe mais pensar a diferença mediada por um limite, um modo negativo de conceber o diferente. Diferenciar é singularizar, uma diferença que cinde com a possibilidade de mediação, através de uma produção que se afasta de originais, semelhanças, oposições, na

efetuação de intensidades diferenciadoras.

O que faz $\pi \neq \varphi$? Não se diferem por meio de uma oposição ou de uma similitude. O número pi e o número de ouro não podem ser comparados, porque se constroem na diferenciação de si mesmo, através da efetuação de singularidades emitidas de seu Fora imanente. Não é possível criar categorias de comparação entre eles, de organizar suas diferenças, de mediar suas construções. São corpos que se integram sempre parcialmente.

O corpo serial construído nesta dissertação toma a educação como a produção de “sis” variáveis, ao conceber a diferença como o que produz formas que não podem ser fixadas por limites últimos e como aquilo que impede qualquer modo de generalizar a efetuação de singularidades.

Ele nos apresenta que a vinculação a si, na produção de si, não se efetiva como uma linearidade e coesão da forma, mas como a produção de seu nomadismo, num trabalho ascético que tem na ética a possibilidade de escapar às determinações da moral e privação dos julgamentos. Trata-se da vinculação a novas verdades, na produção de novos fazeres e sentires.

O corpo serial aniquila com a universalização das formas e com a

π = Número Pi

φ = Número de ouro
ou Número áureo

Trata-se de números irracionais, que se constituem através de instantaneidades da forma.

generalização de padrões de conduta. Ele problematiza a forma sem o cárcere do rigor do pensamento ou da prudência do julgamento, em vazamento de possibilidades. Pensa o corpo em construção através de experimentações, na produção de (micro)movimentos, na infinitude virtual que impede a possibilidade de uma permanência.

Referências

B.BOYER, Carl. **História da matemática**. Tradução de Helena Castro. São Paulo: Blucher, 2012.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**- Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução de Ingrid Muller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CORAZZA, Sandra Mara. **Artistagens**- filosofia da diferença e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. **Para uma filosofia do inferno na Educação**: Nietzsche, Deleuze e outros malditos afins. Belo Horizonte: autêntica, 2002.

_____. **Notas para pensar as Oficinas de Transcrição (OsT)**. In: HEUSER, Ester Maria Dreher (org.). Caderno de Notas 1: projeto, notas e ressonâncias. Cuiabá: EduFMT, 2011.

DELEUZE, Gilles. **A dobra**: Leibniz e o barroco. Tradução de Luiz Orlandi. Campinas, SP: Papirus, 2009.

_____. **Conversações**. Tradução Peter Pál Pelbart. 6ª reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2007.

_____. **Diferença e Repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. 2ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. **Espinosa**: filosofia prática. Tradução: Daniel Lins e Fabien pascal Lins. São Paulo: Ed. Escuta, 2002

_____. **Foucault**. Tradução de Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo. Editora Brasiliense: 1991.

_____. **O Atual e o Virtual**. Texto originalmente publicado em anexo à nova edição de *Dialogues*, de Gilles Deleuze e Claire Parnet (Paris, Flammarion 1996).

_____. **O Mistério de Ariana**- Tradução de Edmundo Cordeiro. Lisboa: Veja, 1996.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**- Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Ética, Sexualidade, Política**. Tradução: Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Coleção Ditos & Escritos V. 2ª edição. Forense Universitária, 2005.

_____. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 2006.

_____. **O que é um autor?** 4ª edição. Passagens.

_____. **O governo de si e dos outros**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2010

GUILLEN, Michael. **Pontes para o Infinito**: O lado humano das Matemáticas. Tradução de Jorge da Silva Branco. Gradiva, 1987.

HEUSER, Ester Maria Dreher. **Fábula da existência seguida de Notas sobre a Fabulação.** In: CORAZZA, Sandra Mara (org.). **Fantasia de escritura:** filosofia, educação, literatura. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MACHADO, Roberto- **Deleuze, a arte e a filosofia.** 2.ed. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed.,2010.

MEIRELES,Cecília. **Flor de Poema.** Rio de Janeiro: Companhia José Aguiar Editora, 1972.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Genealogia da Moral:** uma polêmica. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

OLIVEIRA, A. M. e FONSECA T.M.G. **Conversas entre Escher e Deleuze:** tecendo percurso para se pensar a subjetivação. Universidade Federal dório Grande do Sul.

PEREIRA, Nilton e BELLO, Samuel Lopez. In: MONTEIRO, Silas Borges (org.). **Caderno de notas 2:** rastros de escrituras. Canela, RS: UFRGS, 2011.

SANTOS, Fausto. **Estética Máxima.** Chapecó: Argos, 2003.

VAZ, Paulo. **Um pensamento Infame.** Imago, 1992.

WEINMANN, Amadeu de Oliveira. **O Conceito de Acontecimento na Pesquisa em História da Educação.** Educação e Realidade. 28 (1): 49-63 jan/jul-2003.

ZORDAN, Paola. **Arte e geo-educação:** Perspectivas virtuais. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2004.